



AS FUNÇÕES DA TELEVISÃO EDUCATIVA

Um programa infantil que alcançou nove pontos de audiência na Grande São Paulo. Segundo lugar absoluto, na frente de programas exibidos em horário nobre em emissoras de TV como o *SBT* e a *Manchete*.

Estamos falando do *Castelo Rá-tim-bum*, programa da *TV Cultural/ São Paulo*. Como seus antecessores – *Rá-tim-bum* e *O Mundo da Lua* –, o *Castelo* já entrou para o rol dos programas para crianças que respeitam a inteligência de seu público.

Nos bastidores de atrações como esta, encontra-se uma proposta pedagógica e educacional bem-estruturada, que visa, essencialmente, unir o entretenimento ao conhecimento. Talvez aí resida a "receita do sucesso" da *TV Cultural/São Paulo*, comandada pelo jornalista Roberto Muylaert.

Com exclusividade para a revista *Comunicação e Educação*, numa entrevista de uma hora, a qual reproduzimos em parte, ele fala do "Projeto TV Cultura", da função da TV Educativa e de televisão de forma geral.

Por Januária Cristina Alves

R – Revista *Comunicação e Educação*

M – Roberto Muylaert

R – Poderíamos começar falando um pouco do projeto educacional da *TV Cultura*. Qual o objetivo da *TV Educativa*? No que ela pode estar contribuindo com a educação mais formal? Podemos começar pelo *Castelo Rá-tim-bum*, por exemplo, que já é um grande sucesso.

M – O *Castelo* é um dos programas mais bem-sucedidos que nós já fizemos na área infanto-juvenil ou, se quiser, na área da família: estamos em segundo lugar na audiência às sete horas da noite, que é o horário mais nobre da televisão. Isso significa que não são só as crianças que estão assistindo. Temos uma faixa prevista de público de mais ou menos 4 a 7 anos, qualquer coisa assim, ou 8. Esta é a

faixa etária que *aprenderia* com o programa, que absorveria os conceitos do programa. Mas, passada essa faixa etária, as pessoas assistem apenas por lazer, para se divertir, e isso quase que sem-limite de idade.

Quando você fala em 9% de audiência nesse horário, você está falando em 540 mil famílias na capital e 540 mil famílias no interior; são 1,8 milhão de famílias no Estado de São Paulo. Vezes três, que é o mínimo de telespectadores previstos por família, vai para quase 3,3 milhões de pessoas no Estado de São Paulo. No resto do Brasil existem mais municípios do que no Estado de São Paulo; então, você pode falar, sem medo de errar, que estamos com mais de 3 milhões,

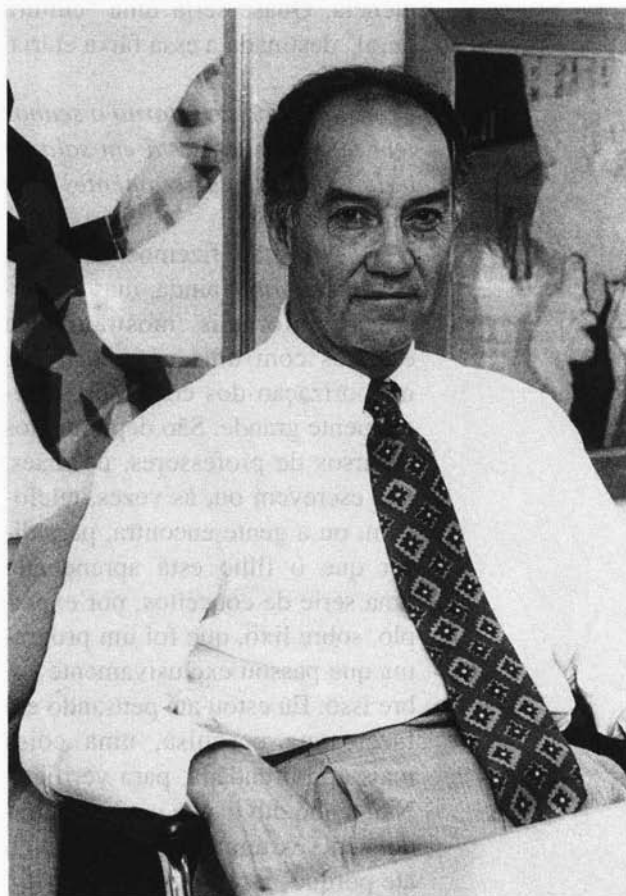
estamos com cerca de 6 milhões de pessoas assistindo ao Castelo Rá-tim-bum. Isso é uma monstruosidade! E eu acho que pode ser considerado um marco em termos da televisão,

porque os comerciais, quando conseguem grandes audiências, ou é com novelas, ou com programas esportivos, ou com programas, digamos assim, popularescos, como o **Sílvio Santos**. Então, nós estamos conseguindo unir as duas coisas: um programa eminentemente educativo, embora de lazer. E a **TV Cultura** está conseguindo esse nível de audiência, que é inacreditável.

R – Isso nunca aconteceu antes, Dr. Roberto?

M – Não. Seis milhões de pessoas assistindo, não! Até porque a **TV Cultura** não atinge o Brasil inteiro; hoje nós atingimos treze Estados. Esse dado que eu dei agora eu não tinha, é meio um "furo" para a revista **Comunicação e Educação**. Quer dizer, hoje nós cobrimos mais municípios fora do Estado de São Paulo do que dentro. É qualquer coisa como 440 no Estado de São Paulo e 500 e tantos fora dele.

R – O que o Castelo Rá-tim-bum tenta passar? Quais são os conceitos que vocês estão trabalhando,



M – O **Castelo Rá-tim-bum** seria uma continuação do **Rá-tim-bum**, que era um programa mais formal na preparação do aluno para o primeiro grau. Uma pré-escola, mesmo. Então, ele tinha por objetivo passar os conceitos e as práticas que a pré-escola oferece. O programa atual é uma complementação, ou seja, ele não tem a preocupação conceitual tão grande de ensinar números, de ensinar a contar, de ensinar letras, essas coisas que o outro fazia; mas ele pega toda uma parte de conceitos de vivência, de família, da importância da letra, do livro, da cultura, da higiene, da ciência. Quase seria uma "cultura geral" destinada a essa faixa etária.

R – *E que tipo de retorno o senhor tem tido de quem está em sala de aula, lidando diretamente com estes assuntos?*

M – Nós não fizemos nenhuma pesquisa formal ainda, mas as pesquisas informais mostram que estamos com uma capacidade de memorização dos conceitos extremamente grande. São depoimentos esparsos de professores, de mães, que escrevem ou, às vezes, telefonam, ou a gente encontra, para dizer que o filho está aprendendo uma série de conceitos, por exemplo, sobre lixo, que foi um programa que passou exclusivamente sobre isso. Eu estou até pensando em fazer uma pesquisa, uma coisa mais aprofundada, para verificar. Não tenho dúvida de que o resultado será extremamente favorável, até porque

este programa tem aquela mágica que alguns programas conseguem e outros não. Às vezes você faz tudo certinho e o programa não tem a mágica. Esse tem.

R – *E o que tem o Castelo Rá-tim-bum para estar dando tão certo?*

M – Eu acho que o **Castelo Rá-tim-bum**, na verdade, é a soma dos conhecimentos da **TV Cultura** desde a sua fundação. Nós estamos com 25 anos. A gente fez **Vila Sésamo**, **Catavento**, **Bambalão**, o próprio **Rá-tim-bum** e **O Mundo da Lua**. Na verdade, se você olhar bem a tecnologia de criação desse programa, vai perceber que ele é o **Rá-tim-bum** mais **O Mundo da Lua**. Tem uma história central, uma ficção que puxa o resto. E tudo que está aí foi feito dentro da **TV Cultura**, sem exceção, não tem nenhum fornecedor externo - não que a gente não quisesse, é que não existe.

Tudo, desde a vinheta, até a música, até a cenografia, roteiro, foi tudo feito aqui dentro! Isso tem deixado, inclusive, gente do Exterior que veio aqui, bastante impressionada.

Eu não estou falando de qualquer um, estou falando do diretor da Children Television Workshop, que faz o **Vila Sésamo**, que é a TV a cabo que só tem desenhos e pro-

gramas infantis nos Estados Unidos. Recebi cartas deles com todos os adjetivos. Americano não faz isso para ser simpático.

R – *Quando o senhor fala em soma de conhecimentos quer dizer que é um aprendizado fazer Televisão Educativa? Não tem uma "fórmula"?*

M – Não, tem não. Quer dizer, é difícil responder à sua pergunta. É evidente que no momento em que a gente vai evoluindo, tem uma porção de conceitos que a gente consagra e passa para o outro projeto. Mas a criatividade não tem fórmula. Agora, em poucas palavras eu lhe digo qual é a nossa mágica e até lhe digo por que é que os outros não vão fazer, tão cedo, algo igual à **Cultura**. É que antes de gravar uma fita nós fazemos um trabalho enorme de análise e pesquisa em relação ao programa, à temática; e aí nós passamos isso a pedagogos, a psicólogos que cuidam dessa faixa etária, de tal maneira que o programa acabe tendo, antes de começar, um *book* muito grande, em que todas as situações são previstas. Então, você pode usar mais do que um roteirista, por exemplo. Só que para fazer isso leva três, quatro meses antes de começar a gravar e, obviamente, uma emissora que tiver interesses comerciais imediatos não vai topar. Você vê,

a própria TV Globo, que tem esse programa dos cachorros de manhã (TV Colosso), prestando-se atenção no texto, percebe-se que aquilo é um texto de adulto, não é texto para criança.

O programa é fantasiado como de criança, mas o texto é de adulto, a problemática é de adulto. Quer dizer, não tem um psicólogo, um pedagogo trabalhando para orientar.

Agora, por que as comerciais vão demorar para fazer um programa como esse? Por duas razões básicas: primeiro, porque um programa como esse custa 3 milhões de dólares, é muito dinheiro, sob qualquer ponto de vista. No nosso caso, tivemos o SESI (Serviço Social da Indústria) que entrou conosco, embora ainda não tenha pago metade do que custou, mas o reforço foi importante. Em segundo lugar, porque a **Cultura**, por força das circunstâncias, tomou uma dianteira muito grande em matéria de criação, concepção, roteiro, fabricação de "trechos". E assim como é muito difícil fazer uma novela como a da **Globo**, que tem uma tecnologia muito avançada, eu diria, sem medo de ser pretensioso, que é muito difícil alguém no Brasil fazer um programa nesse nível. Se resolver, vai ter que ter um investimento e um tempo muito grandes.

R – *Voltando um pouco ao apoio cultural do SESI, como é que é feito isso?*

M – O SESI tem escolas, cento e tantas escolas, desde pré-escola até primeiro grau. E ele sempre teve interesse de que houvesse programas para as escolas deles e, obvia-

mente, como o SESI é o Serviço Social da Indústria, ele tem também como obrigação divulgar cultura, conhecimento, lazer para o pessoal da área da indústria. O SESI viu, então, uma oportunidade de não só servir as suas escolas - onde eles, sim, fazem experiências, avaliações de conteúdo e reações das crianças -, ele viu uma forma de a entidade se mostrar prestando um serviço de utilidade pública, e é por isso que eles entraram. Entraram no primeiro **Rá-tim-bum**, em **O Mundo da Lua** e no **Castelo Rá-tim-bum**, o que prova que o resultado institucional pra eles foi muito bom.

R - *E isso é repassado em forma de...*

M - Verbas. E tem também o apoio cultural, em que a gente vende o patrocínio do programa, que nesse caso é a Estrela, Brinquedos Estrela. Nesse horário de programas infantis na **Cultura**, tem fila de patrocinadores esperando uma vaga.

R - *E isso não se costumava fazer, não é?*

M - Quando eu entrei aqui era zero.

R - *Por quê?*

M - Isso eu não posso dizer, não posso interpretar. Hoje já representa 15% do nosso orçamento. Muita coisa. Sem ter comercial.

Hoje, se a TV Cultura tivesse comercial - o que eu não advogo, quero deixar isso bem claro, porque se a TV Cultura tivesse comerciais ela seria outra emissora, então eu não advogo isso, mas se ela tivesse comercial, ela seria uma emissora auto-suficiente.

Porque sem comercial ela já está com 15%.

R - *E o fato de essas instituições estarem dando apoio cultural muda em alguma coisa a filosofia?*

M - Nada, absolutamente. Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

R - *O senhor chegou a ser criticado por buscar esse apoio fora, de empresas privadas?*

M - Na verdade, criticado não, mas existe uma lei de 1967 que até proíbe que isso seja feito. Ou seja, o que nós estamos fazendo é literalmente contra a lei, por incrível que pareça. Porque a lei exige que a gente arranque dinheiro só do governo, não possa "refrescar" o governo. Uma lei feita na época da ditadura, visivelmente pelas emissoras comerciais. Essa lei proíbe até que uma emissora como a nossa tenha uma doação, mesmo que o doador não queira que o nome dele apareça.

R - *Gostaríamos que o senhor falasse do projeto educacional da TV Cultura. O que vocês querem, o que vocês estão buscando?*

M - Bom, a **TV Cultura** optou por ser uma televisão de cunho educativo mas não *stricto sensu*. Ou seja, nós temos programas educativos *stricto sensu*, que são programas educativos por sua própria natureza; mas o que é importante é que nós temos a preocupação de que a televisão seja educativa em toda a sua programação, naquilo que couber.

E quando você fala em ser educativo, aí eu falo em *lato sensu*, eu falo de programas que dão uma contribuição para a sociedade e,

para isso, nós procuramos sempre pesquisar, fazer painéis, pesquisas qualitativas onde a gente busca saber como essa programação está sendo recebida e quais são os anseios da sociedade em nosso Estado. Até hoje, não saímos do nosso Estado que, afinal de contas, é a tradição daqui da **TV Cultura**.

O conceito de TV Educativa é um conceito, digamos assim, que está se modificando no mundo inteiro, está certo? Eu posso e faço segmentações de programas que tenham um cunho mais abrangente, por exemplo: **Vestibulando**. Ele é uma democratização de um curso que é muito caro e afasta aquelas pessoas com menor poder aquisitivo.

Ou seja, os cursos são eminentemente elitistas e acabam fazendo uma categoria A e B entrar numa faculdade, o que é uma injustiça, e o outro não ter uma chance. Então,

na hora em que a gente põe o *Vestibulando* no ar não é por acaso, é um programa educativo mesmo, com cara de aula. Mas, veja bem, ele atinge 150 mil pessoas no mínimo.

Quando falo 150 mil pessoas é capital. Interior, 300 mil. O resto do Brasil, 600 mil.

Curiosamente, este é, pouco mais ou menos, o número de pessoas que fazem o vestibular para a USP, por exemplo. A USP, hoje, deve ter 100 mil candidatos, eu creio. Digamos que você pegue a USP e a UNESP, qualquer coisa assim. Ou seja, com 1% de audiência nós estamos cobrindo todo este mundo e é um mundo grande. Outras coisas que a gente faz aqui: o curso de ciências com o programa **O Professor**. Por quê? Porque nós sabemos que existe uma carência nas escolas, de primeiro e segundo graus, com relação a laboratório. Então, é nitidamente uma carência que a gente cobre com esse programa educativo. Assim como nós temos com a Secretaria da Educação, de manhã, um programa que é dirigido aos professores, que é o **TV Escola**. Tem também o **Escola Viva...**

Então, fora daí, nós temos programas que poderíamos chamar de instrucionais, que é o caso, por exemplo, do **Desenho à Mão Livre**, que tem uma enorme abrangência, porque quase todos nós ficamos com nosso desenho "amarrado" aos 10 anos de idade.

Assim como um programa de francês, de inglês ou de alemão é extremamente abrangente. Houve um programa de francês que nós lançamos aqui e vendemos o livro: esgotou cinco mil exemplares da noite pro dia. Aí nós ligamos pra Aliança Francesa e eles não tinham esse número de alunos em São Paulo. Ou seja, nós tínhamos tido uma audiência, de estalo, muito

maior do que todos os cursos de francês da cidade.

Nós temos uma preocupação educativa na hora em que a gente faz o **Castelo Rá-tim-bum**. É eminentemente, se quiser se chamar, educativo. Quando a gente faz um documentário sobre o Marechal Rondon, sobre energia elétrica, que leva meses pra fazer e ninguém faz, esse programa é educativo, mas é sempre *lato sensu*. Porque se eu fizer um programa de alfabetização na **TV Cultura**, eu vou afugentar 4 milhões de pessoas que sabem ler; não vou pegar, provavelmente, 50 mil pessoas que não sabem ler, porque o cara não tem, digamos assim, a noção de que essa emissora pode ajudá-lo. Então, na hora em que a gente, no telejornal, não põe violência, exploração de sexo, nós estamos sendo uma TV Educativa também.

Eu fiz essa opção aqui na Cultura porque essa é a opção da modernidade e é assim em todo lugar do mundo,

menos no Brasil, que ainda tem uma TV Educativa, no Rio de Janeiro, por exemplo, que é a **TVE**, que tem esse título e não faz programa nenhum educativo e não tem audiência nenhuma. Portanto, não existe.

R – *Era tradição ver as TVs Educativas como uma coisa chata, desagradável, maçante, não era?*

M – Então, você vê, a **TVE** tem quase quatro vezes mais funcioná-

rios do que nós, que recebem todo o final de mês e ela não produz nada do outro lado. Então isso tem que mudar no Brasil. Não adianta você dar um título e como o título é educativo todo mundo acha que está bom. Não está bom, não! Assim como a **RADIOBRÁS** não tem dinheiro para fazer programa, eles só têm dinheiro para pagar o salário dos funcionários.

E o que é a modernidade em termos de ensino?

É o que está fazendo a CBS nos Estados Unidos. Ela está fazendo a televisão diretamente nas escolas e não mais com videotape, que "já era" em cada escola. Agora é com computador e CD-ROM.

Aí acontece o seguinte: existe em Washington uma biblioteca eletrônica com todas as matérias, digamos, por exemplo, que estiverem relacionadas com o segundo grau. Então, como os professores estão recebendo o seu computador com **CD-ROM**, o professor chama de Washington a matéria que ele quer e ela é imediatamente gravada no seu **CD-ROM**, na cidade onde ele estiver. Então, cada pessoa que chamar a matéria sobre a Guerra Civil Americana vai ter o mesmo material, inclusive com imagens. Eles comunicam-se, inclusive, com outras escolas para checar o aproveitamento dos alunos. Isso não passa pela televisão aberta e essa é a grande novidade que eu estou contando aqui. Acabou, "já era", gente! Se você quiser fazer o

curso por televisão você estará tendo um desperdício brutal e ele sempre estará apartado da escola. A menos que você dê à escola o que ela precisa, que é a diretriz, a programação e o material didático.

Agora, você vai me dizer: mas você está falando dos Estados Unidos, nós estamos no Brasil, que é pobrezinho... O Brasil não é pobrezinho coisa nenhuma, um país onde os níveis de corrupção são de um bilhão de dólares, não é pobrezinho. Quer dizer, um cara na Itália é preso por causa de 300 mil dólares, aqui ele está solto com um bilhão de dólares e não é um nem dois. Então, na hora em que fechar o desperdício, vamos investir em quem está fazendo, quem está cumprindo atividade afim. Seja lá qual for, seja o ensino, seja produzir petróleo. A hora em que o Brasil conseguir analisar isso friamente e tiver força política para mudar e dizer: "não, isso não, isso vai parar", e, com esse dinheiro, saltar vinte anos e entrar na modernidade, nós vamos chegar a ter não a TV Educativa, que é um nome velho, e sim o Sistema Educacional via computador, via satélite.

R – *Na sua opinião, qual tem que ser o papel dessa nova Televisão Educativa? É isso que o senhor está tentando fazer?*

M – Olha, eu só posso responder que

a TV Educativa não existe mais. A TV Educativa, que é esta como a nossa, tem que procurar servir a sociedade naquilo que ela não tem na comercial.

Por que a gente está se destacando tanto? Porque nós estamos conseguindo audiência sem apelar. A Constituição do Brasil diz claramente o que a televisão deve fazer. Todas as televisões do Brasil são não-constitucionais pela própria violência. Tem que ter respeito pelo cidadão. Tem que respeitar a ética.

R – *É uma série de conceitos que...*

M – São quatro itens, artigo 221 da Constituição. Que diz que você tem que ser preferencialmente educativo e cultural. Basta cumprir a Constituição. Então, nós nos destacamos sob esse ponto de vista, porque as outras não cumprem a Constituição.

Mas o fato é o seguinte: sempre haverá lugar para a TV pública, uma TV cujo objetivo não é ganhar dinheiro, mas servir à população. Então, nós sempre seremos diferenciados. E aí, muita gente me fala: bom, e a TV a Cabo, não cumpre esse papel? Eu mesmo respondo: a TV a Cabo segmenta à exaustão cada assunto. Então, se é cinema brasileiro, ela passa cinema brasileiro de manhã, à tarde e à noite; se é esporte... Mesmo que não tenha programa, inventam; se são animais, você vai ver gato, cachorro, papagaio o dia inteiro. E isso não é, em primeiro lugar, uma coisa que colabora com o humanismo, como um todo. Eu não tenho certeza de que um fanático por *jazz* vai continuar fanático depois de ter visto isso

24 horas por dia. Então nós não fazemos isso.

Na **TV Cultura** ele vai ter um noticiário honesto, vai ter um documentário que ele não vê em lugar nenhum, valorizar a música do país dele, ter os programas internacionais mais nobres, comprados de todos os países e não só programas de helicópteros explodindo comprados nos Estados Unidos. Então, sempre terá um espaço para esse tipo de televisão, mas não a chame de Educativa, porque isso já era. Educativa é outra coisa.

Educativa é uma central de saber, de conhecimento, ligada diretamente às escolas, isso sim. Isso é o que o Primeiro Mundo está fazendo, não só os Estados Unidos.

O Canadá, o Japão, onde você se forma através da televisão e computador, e faz exame, e isso e aquilo. Não é: "põe aí das duas às três um programinha..." Bobagem! Não acontece nada. A **TV Cultura** tinha cursos desse tipo, até eu entrar aqui. Aí nós descobrimos que, no último curso, todas as pessoas que estavam fazendo cabiam numa escola pequena. Você vai gastar eletricidade, técnico, imagem e não tem audiência nenhuma, para servir um grupo que caberia numa escola pequena, gente! Não dá.

R – *Nesse aspecto, para onde vai essa nova Televisão Educativa no Brasil?*

M – Vai fechar. Pense um pouco: qualquer atividade que gaste muito dinheiro e o resultado seja nulo...

R – *O senhor acredita que a televisão serve para educar? Há uma "briga" antiga: se é para lazer, se é só para divertir... Pelo que o senhor está contando, já podemos inferir que, pelo menos no trabalho de vocês, acontece isso: educa, diverte...*

M – Televisão é entretenimento e ponto final.

Ninguém liga a televisão para se chatear e muito menos para aprender alguma coisa. Aí é que está, você pode fazer entretenimento com conceito, sem conceito e com conceito negativo.

Você pode prejudicar as pessoas que estão se entretendo, pode ser neutro ou pode ser positivo, auxiliar. Nós seguramente estamos na primeira ponta, fazemos entretenimento positivo para quem assiste, o sujeito sai enriquecido. Muitos programas são neutros; você pega uma novela, é um entretenimento, talvez neutro. Depois você tem um programa que explora o sujeito, que é o entretenimento negativo, onde ele sai carregado com conceitos errados, com preconceitos, mais violento.

Costuma-se dizer que a televisão não incita à violência, ela apenas reflete a violência que existe na sociedade. Eu tenho visto pesquisas que provam que a televisão não incita à violência. Mas acontece que esses estudos são do Canadá,

são do Japão, onde você imagina o cara sentado em uma poltrona macia, com aquecimento central; se ele vir um programa violento não vai sair na rua matando alguém. Agora, pega o nosso caldo de cultura, as condições em que vive a população, a diferença de renda, de concentração de renda. Incita à violência mesmo!

R – *O senhor acredita nisso?*

M – Com certeza absoluta. Tenho cartas de espectadores que também mostram isso. Então, a televisão é muito perversa aqui no Brasil. Porque ela é glamourosa, é assistida por todas as classes sociais, mostra falsos valores, quer dizer, sempre é a grã-fina, é o barco, é Angra dos Reis, é não sei o que lá. Depois, ela incita à venda de produtos para uma categoria que não tem a menor condição de comprar, que é a maior parte. E quando ela faz filmes de violência, ensina a técnica para se arrancar o que não se tem. Então, é uma fórmula muito redonda e perversa que, infelizmente, é o que a gente está dando para população.

R – *E a gente está muito preocupada com essa questão: como subsidiar quem está mexendo com educação e comunicação, para que possa atuar criticamente. Como é que o professor, que está em sala de aula, que está educando, pode passar isso para o aluno?*

M – Tem que ter consciência, não é? É difícil eu responder isso.

As pessoas têm que ter consciência e, para isso, têm que ler, se informar, ler jornal. Eu sei que tem muito professor que não lê jornal até porque não tem dinheiro para fazer assinatura.

Mas qualquer educador tem primeiro que se educar.

R – *O senhor acredita que o tipo de trabalho que vocês estão fazendo aqui na TV Cultura, até pela forma, pelo conteúdo, está contribuindo para que as pessoas se tornem mais críticas em relação às TVs comerciais?*

M – Indiretamente, não é? Porque nós não fazemos isso deliberadamente. Mas quando eu mostro pra você que uma TV que não tem apelação está em segundo lugar de audiência, no horário mais nobre que existe, isto já é a resposta para a sua pergunta.

E outra coisa,

os espectadores que a Cultura conquista são, praticamente, afastados definitivamente do outro canal. Porque não dá, não existe um sujeito que pode assistir a um programa da BBC e troca para assistir ao Sílvia Santos

e volta depois para um documentário sobre o Rondon. Não tem isso, não existe isso. Por isso é que é difícil a passagem de lá para cá.

R – *Isso não faz da TV Cultura uma televisão elitista?*

M – A TV Cultura não é elitista mesmo, até porque ela tem uma gama enorme de programas. Aí eu perguntaria: em que programas ela

é elitista? Em todos? O que a **TV Cultura** faz é democratizar oportunidades. Na hora em que faço o **Vestibulando**, eu democratizo oportunidades; na hora em que eu ponho um concerto de Mozart, estou possibilitando a uma pessoa que mora na favela, que tem aquele talento que o brasileiro tem em tantas áreas, que ela seja tocada por aquilo e descubra a música. Ou, assistindo ao **Metrópolis**, que ela entenda o que é Artes Plásticas, porque nós temos um quadro novo a cada dois meses, ao fundo. E assim sucessivamente.

Então, nós estamos dando aquilo que o Oswald de Andrade chamava de "biscoitos finos".

Nós estamos dando "biscoitos finos" para quem tiver percepção, e eu digo para você que tem no Brasil 4 milhões de pessoas que já sacaram isso.

Então, é elitista quando a gente fala em 4 milhões de pessoas.

R – *Como funciona a questão dos programas internacionais? Que critérios a TV Cultura usa para comprar esses programas?*

M – O critério é da qualidade e do interesse. E, além disso, nós temos um critério universalista. Na hora em que o Irineu Guerrini foi à África para trazer os melhores filmes do Festival da Nigéria, da África inteira, isso quer dizer que estamos investindo, fazendo um trabalho para descobrir um mundo novo. Da América Latina nós temos programas da Argentina, do México, de Cuba. Nós

temos os melhores programas dos Estados Unidos, que não passam nas grandes redes, só passam na PBS. Nós temos os melhores programas do Canadá, da Austrália, da Europa Oriental, da Tchecoslováquia, da Hungria, da Alemanha, da Espanha. Os filmes espanhóis que nós passamos, o do García Lorca, por exemplo, ninguém tem. Então, nós estamos trazendo para cá o que tem de mais nobre no mundo inteiro. Como só a **TV Cultura** compra, da BBC, de Granada, entre outros, nós acabamos conseguindo preços absolutamente acessíveis.

R – *Não é muito caro bancar esses programas?*

M – Não, porque você vai à Espanha e eles têm um filme do Almodóvar. Aí eles não vendem na hora, porque a **Rede Globo** pode querer e ela vai pagar o triplo. Ah, é? Tá bom, a gente volta o ano que vem. Chega o ano que vem, a **Rede Globo** comprou? Claro que não! Nem ela, nem ninguém. Ninguém compra o que a gente compra.

R – *Mas por quê?*

M – Ah, essa pergunta você tem que fazer pra eles.

R – *Vocês negociam com televisões comerciais também?*

M – As três televisões americanas, os três grandes canais são tão idiotas quanto os nossos, ou mais. Portanto, não passam esse tipo de programa. Nós somos muito parecidos com as TVs americanas, dos vários estados. Nessas, sim, passam. O que tem no mundo mais

próximo à **TV Cultura** são as emissoras públicas americanas. Em filosofia, quero dizer.

R – *É o senhor quem escolhe os programas ou tem uma equipe?*

M – Eu fiz muito isso, no início, pessoalmente. Hoje basicamente é o Irineu Guerrini, que sempre submete a mim, à diretoria de programação, e também a Beth Carmona participa. Mas também já estamos tão acostumados que batemos o olho no catálogo e dizemos: "esse eu quero, esse eu não quero".

A parte de desenho animado é outra área em que a gente se destaca, porque são desenhos sempre com conceitos, sempre finos, sem violência. Por isso que eu digo pra você, Educativa *lato sensu*.

Aqui se repassa todo o conceito de TV Educativa, sem ser o velho conceito de educativa que afugenta o espectador.

R – *Com relação a esses programas internacionais, o senhor tem algum tipo de retorno? Tem alguma pesquisa? Como é que fica isso?*

M – De dois em dois anos a gente faz pesquisa. Os programas internacionais são dos mais comentados. As pessoas lembram muito, e outra, os jornais citam demais. Não sei se você já reparou que a **TV Cultura** é mais citada que qualquer outra. É que nós estamos variando de um dia para o outro. Cada dia se compra um programa diferente, enquanto as comerciais têm aquelas faixas horizontais estratificadas. Então dificilmente os jornais vão dizer "hoje tem **Sílvio Santos**", todo mundo sabe que domingo tem **Sílvio Santos**. Então, a gente se destaca demais no noticiário por causa dessa enorme variedade.

R – *E quando são feitos os programas educativos mesmo, visando às escolas, vocês têm preocupação com currículo? Como é feito isso?*

M – É o caso do programa da Secretaria da Educação, ele é curricular. Assim como o programa **O Professor**, que nós fizemos acompanhando o currículo também. Também nos programas infantis, infanto-juvenis, a gente tem essa preocupação.